

Perceber e ser percebido: a cultura da aparência nas músicas de João do Morro

Percibir y ser percibido: la cultura de la apariencia en la música de João do Morro

To perceive and be perceived: the culture of appearance in the music of João do Morro

Rúbia Lóssio¹

Resumo *A pesquisa visa analisar as manifestações estéticas das culturas consideradas periféricas, que estabelecem uma nova temporalidade para inscrever eventos culturais na vida cotidiana. Todo o material das letras das músicas irreverentes de João do Morro é analisado na tentativa de investigar a organização de sujeitos e objetos numa relação espaço-temporal que não é teleológica, com a predominância do lúdico. João do Morro consegue, simultaneamente, perceber e ser percebido. Talvez seja o que há de mais significante em seu trabalho.*

Palavras-chave: *Cultura. Aparência. Cotidiano. Mídia. Estética.*

Resumen *La investigación tiene como objetivo analizar las manifestaciones estéticas de las culturas periféricas considerarse constitutivo de una nueva temporalidad para firmar los eventos culturales en la vida cotidiana. Todo el material de las letras de las músicas irreverentes de João do Morro es analizado en un intento de investigar la organización de los sujetos y objetos en una relación espacio-temporal que no es teleológica, con el predominio de lo lúdico. João do Morro, consigue simultáneamente percibe y es percibido. Tal vez sea lo más significativo en su trabajo.*

Palabras-claves: *Cultura. Apariencia. Diario. Medios de comunicación. Estética.*

¹ Coordenadora do Núcleo de Estudos Folclóricos Mário Souto Maior da Fundação Joaquim Nabuco e doutoranda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

Abstract *The research aims to analyze the aesthetic manifestations of peripheral cultures that establish a new temporality to sign cultural events in everyday life. All the material of the irreverent lyrics of João do Morro is analyzed in an attempt to investigate the organization of subjects and objects in the space-time is not teleological, with the prevalence of play. João do Morro can both perceive and be perceived, is perhaps what is most significant in his work.*

Keywords: *Culture. Appearance. Daily. Media. Aesthetics.*

Data de submissão: 12/2009

Data de aceite: 03/2010

Introdução

A pesquisa visa analisar as manifestações estéticas das culturas consideradas periféricas, que estabelecem uma nova temporalidade para inscrever eventos culturais na vida cotidiana. Por meio da fugacidade das aparências, essas culturas estabelecem um recurso metodológico capaz de compreender as formas estéticas do cotidiano, que são consideradas transcendentais e deslocadas do mundo objetivo. A partir das letras das músicas do cantor João do Morro, que reside no Morro da Conceição, comunidade da Zona Norte do Recife, Pernambuco, analisaremos a estética da vida cotidiana dos moradores de sua comunidade.

Sem nenhuma vergonha e com irreverência, João do Morro enfatiza, com bom humor, e em versos ferinos, toda a verdade de situações e personagens desses moradores. Algumas músicas falam de relacionamentos complicados, homossexualidade, pessoas que não têm dinheiro, entorpecentes, o uso do celular nas comunidades, tipos e modelos dos cabelos das meninas, entre outras situações do cotidiano que, muitas vezes, não são reveladas por outros cantores e compositores. Todo esse material das letras das músicas de João do Morro é analisado na tentativa de investigar a organização de sujeitos e objetos numa relação espaço-temporal que não é teleológica, com a predominância do lúdico. A determinação do objeto nessas culturas se dá pelas imagens e palavras e não dos intelectos, considerado faculdade – a razão se apresenta a partir do movimento imposto ao sujeito pelos objetos e pelos sujeitos aos objetos. Assim, o efeito provocado pelos objetos e sujeitos é tão importante quanto a causa. Para diagnosticar como as formas estéticas são modificadas a partir dos deslocamentos de significado para significantes, que não pertencem às características socioantropológicas das manifestações culturais.

As culturas periféricas têm, em sua dinâmica, relações percíveis, mas que constroem em seu cotidiano significados que vão desde aparecer, parecer, até desaparecer. Não há, porém, anulamento, nem esgotamento; o que há é uma dinâmica de significados e significantes. Na verdade, o povo utiliza símbolos para sobreviver e interagir com os modos de vida.

Dessa maneira, João do Morro revela o cheiro do povo da periferia em suas músicas irreverentes, revelando o pagode no fim da tarde de sábado, com a cerveja nem sempre tão gelada, os shortinhos curtos das meninas que usam chapinha no cabelo e que sambam com libido, regados pelo churrasco com farofa e vinagrete, que simboliza a efervescência da vida cotidiana. Sem papas na língua, o cantor e compositor consegue simbolizar a cultura da aparência dos moradores. A autoexposição da vida das pessoas revelada nas músicas de João do Morro não é a coisa como ela é, mas como ela aparece. Com isso, o impulso da autoexposição torna-se efeito esmagador de ser apresentado. Dessa forma, o ator depende do palco, dos outros autores e de espectadores para fazer sua entrada na cena que, mesmo sendo banal, transfigura-se em existência que tende a desaparecer pelo próprio movimento de epifania ou efervescência de acontecimento ou fenômeno de determinada situação no jogo do mundo.

Cultura da aparência

Nossa discussão é sobre o uso da palavra cultura, que, por sua vez, de imediato, é percebida com dificuldade, por apresentar várias definições. Sabe-se que o ser humano é inacabado, encontra-se em construção; ao nascermos, já pertencemos a uma cultura. A cultura nasce junto com os seres humanos, é desenvolvida e construída. O problema, ou talvez a solução, está na história do uso das definições sobre o significado da palavra cultura.

A história e o uso desse termo excepcionalmente complexo podem ser estudados em Kroeber e Kluckhohn (1952) e Williams (1958 e 1976). Começando como nome de um *processo* – Cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura ativo da mente humana –, ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do ‘espírito’ que informava o ‘modo de vida global’ de determinado povo (WILLIAMS, 1992, p.10).

Por outro lado, a maneira como é reproduzida e produzida a cultura gera características que são refuncionalizadas a cada geração, tanto pelo uso dos intelectuais, quanto pelo uso dos “fazedores de cultura”. Há um leque de significados e significantes sobre a palavra cultura. No sentido moderno, com ênfase “no espírito formador”, ideal religioso, ou nacional, a “cultura vivida” está simultaneamente nos processos sociais e oscila em via de mão dupla pelo espaço da gestão política e da economia.

Há várias interpretações sobre a identificação da pessoa culta: quais são os critérios para se dizer que uma pessoa “tem cultura”? O que é “ter” cultura? De espírito formador, modos de vida, estilo, linguagens, tipos de trabalho intelectual, arte, manifestos, entre outros, a cultura deve ser pensada em sua forma de uso e reprodução. Apesar das diversidades em relação ao uso da palavra cultura, saliento que a prática cultural e a produção cultural estabelecem a dinâmica no mundo da aparência. Seja na lógica do universo intelectual ou na lógica das culturas populares.

Para ressaltar:

Culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida (CANCLINI, 1995).

Nesta pesquisa, o enfoque é realizado a partir das culturas periféricas. Trata-se de evidenciar modos de vida compreendidos pela própria dinâmica da população, no caso aqui estudado pelas composições das músicas de João do Morro, que retratam o cotidiano do bairro Morro da Conceição, Zona Norte do Recife. A cultura da periferia aqui será evidenciada numa visão em paralaxe.

Aquilo que se constitui como um ‘centro’ e como ‘periferia’ é algo subjetivo, dependendo da perspectiva daquele que realiza tal aferição. Além disso, a paralaxe – a aparente mudança na posição daquilo que

constitui o centro e a periferia resultante da mudança de posição do observador –, seja em termos espaciais ou cronológicos, seja em termos das circunstâncias sociais e financeiras, demanda que os parâmetros e as limitações do presente estudo sejam claramente indicados (RUSSELL WOOD, 1998, p.189).

Não podemos esquecer que, de uma forma ou de outra, estamos nos apoiando em compreender as questões do dualismo. Entre verdades e mentiras, Deus e Diabo, campo e cidade, certo e errado, estamos ressaltando pontos relevantes, mas na verdade tudo é plural. O campo e a cidade não existem sem o bem e mal, sem o certo e o errado e sem os seres humanos. Os seres humanos são cultura. E falar de culturas periféricas é transbordar noções de sentidos complexos, como, por exemplo, o que é uma cultura de periferia? Vejamos que tempo e espaço dividem o nosso cotidiano, a noite e os dias, juntamente com as horas, relatam e retratam os nossos passos. Para analisar as culturas periféricas buscamos enfatizar a relação entre essas pessoas e os objetos utilizados em seu cotidiano. Na verdade, os objetos, hoje em dia, são mais do que objetos, porém menos do que um sujeito. Como então analisar essa relação das culturas periféricas com o uso desses objetos multifacetários?

Desde a modernidade, todos querem e gostam de criar seus filhos para que eles exibam seus talentos. Todas as pessoas possuem certo talento, para o bem ou para o mal, expostos ou não, dependendo do chamado “outro significante” (termo utilizado por Ervim Goffman). Nesse aspecto, o “outro significante”, que está presente em nosso cotidiano, colabora para a exposição de talentos, daí a dinâmica da cultura, que leva como suporte a comunicação, o afeto e a rivalidade sadia, para produzir e reproduzir as criatividades existentes nas pessoas. O sentido pode estar na dimensão que uma comunidade constrói para dialogar e expor seus interesses na criação de nomes de seus estabelecimentos, dos filhos, e principalmente na forma de utilizar a linguagem, realizando uma comunicação própria em sua tribo. Por exemplo, os adolescentes fazem gestos, mandingas e usam uma linguagem específica para se comunicar

com a sua turma. Assim, cada grupo exerce uma maneira apropriada para o seu entendimento. O afeto é muito importante nas culturas periféricas, e essas pessoas colocam carga emocional na dinâmica do trabalho e vida. Muitas vezes, seu trabalho se confunde com a própria vida. Além disso, no decorrer dos acontecimentos do cotidiano, em fofocas e boatos, e entre um acontecimento e outro, a rivalidade sadia ajuda na criação de novas formas e significados para novos modos de vida. Daí o cotidiano ser a fonte para a nossa discussão. Nele existe a aparência, que se transfigura nos semblantes, vontades, desejos e ações de um povo que contempla, em espaço de trivialidades, incessantes inconstâncias de novas formas de vida.

De acordo com Michel Maffesoli:

(...) o cotidiano não é um conceito que se pode mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação, ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1985a, p. 64).

Não é de estranhar que as histórias contadas pelos desfechos e fracassos são bem mais efervescentes e são ressaltadas pela cultura da aparência. Para Nosengo (2008), o mundo se configura por uma "rede sem costura", afirmando que a história contada pelo fracasso é geralmente mais interessante do que a de um êxito, as histórias de sucessos são mais parecidas entre si, afirma Tolstói: "Todas as famílias felizes são parecidas entre si, cada família infeliz é infeliz ao seu modo".

Os símbolos são necessários para a vida dos seres humanos. Então encontramos, na cultura, um sistema de símbolos que o povo cria e usa para organizar, interagir e regular o comportamento (TURNER, 2000). Portanto, os símbolos são essenciais nas culturas, e, por sua vez, o essen-

cial encontra-se sob a superfície, e a superfície é o “superficial”. “O que está dentro de nós, nossa ‘vida interior’, é mais relevante para o que nós ‘somos’ do que o que aparece exteriormente, não passa de uma ilusão; mas, quando tentamos consertar essas falácias, verificamos que nossa linguagem, ou ao menos nossa terminologia, é falha” (ARENDT, 2008, pp. 46 e 47). Para analisar tais fatos de perto, verificamos que a comunicação é a única maneira de externar os sentidos, ou seja, de aparecer os sentidos. De fato, o compositor João do Morro expõe, os sentidos simbólicos da cultura periférica que encontram-se no cotidiano dessas pessoas. Segundo Arendt (2008, p. 130), “não há dois mundos, pois a metáfora os une”. Assim, João do Morro percebe e é percebido pela cultura da aparência por meio da autoexposição contemplada nas letras de suas músicas.

As especulações e as expectativas são necessárias para a dinâmica das culturas. O cotidiano dessas pessoas é recheado de especulações, na verdade a aparência precisa dessas conexões para sobreviver, porque, por dentro, todos são iguais. Digamos que a aparência seja um modo de proteção para salientar a relação dos seres humanos que entre sujeitos e objetos, estão percebendo e sendo percebidos ao mesmo tempo.

Aquilo que aprendemos, a partir do que se oferece, recai nas diversas modulações dos signos que usamos. Nesse conjunto de significados aflora-se o estilo das coisas. O estético se destaca na maneira como as pessoas veem a sociedade, numa relação dinâmica entre pessoas e objetos. Assim, o estético gera um sistema entre o visível e o invisível.

A dinâmica da cultura da aparência ocorre justamente porque há na vida dos seres humanos ciclos que vão do aparecer, do parecer, para depois vir a desaparecer. Primeiro queremos mostrar, exibir, expor, depois queremos imitar, para logo depois reinventarmos maneiras de sobrevivências. Nesse mundo cotidiano de aparências, tornam-se acessíveis as experiências do senso comum. No caso aqui estudado, João do Morro consegue expor em suas composições as trivialidades, banalidades do cotidiano das culturas periféricas, sem temor ao senso do ridículo, ao qual estamos sempre expostos. Para salientar a cultura da aparência,

essa acelerada dinâmica da vida faz com que os acontecimentos apareçam, pareçam e desapareçam rapidamente, em que a lembrança é algo que parece estar tão distante. No jogo do mundo atual, as questões do efêmero têm a capacidade de transformar os sentidos que envolvem as práticas sociais.

A capacidade que os seres humanos têm de pensar, exerce fundamental conexão na cultura da aparência, onde a memória é ressaltada com prazo de validade.

Nesse sentido, é como se o invisível viesse primeiro através da aparência. E, ainda assim, a linguagem é o único meio pelo qual é possível tornar manifestas as atividades espirituais...”(ARENDT, 2008, p. 122).

Há, contudo, uma sistematização na dinâmica da cultura da aparência; a espontaneidade é de fato um trunfo que as culturas periféricas possuem para o desenvolvimento das interações. A relação face a face é primordial para dar início ao movimento da cultura da aparência. Essa espécie de *ritualização difusa* permite que os indivíduos possam *significar-se* na interação, possam desvelar a interação e, ao mesmo tempo, regular, controlar e tornar visíveis as implicações simbólicas da interação (TEDESCO, 2003, p. 66). Assim, “a interação para Goffman é a manifestação de indivíduos em representação, requer que esses se transformem em personagens” (TEDESCO, 2003. p. 68).

Como afirma Maffesoli, há uma clandestinidade na “centralidade subterrânea” da socialidade, exalada por situações anódinas. A análise deste estudo está na “cenestesia social” pelo “estoque de conhecimentos” da tipicidade de Schütz, registrados na criatividade do povo em sua forma de vida (MAFFESOLI, 1985).

Todo o lençol freático social emerge no cotidiano para configurar a aparência. São os bastidores da vida social que em sua dinâmica não dispensam sentidos. As conversas jogadas fora, as conversas de bar, as focas nos corredores, o “disse me disse”, as cadeiras nas calçadas, o gosto, o jeito de vestir, tudo terá relevância na cultura da aparência.

A cultura da aparência se configura esforço cíclico, por meio de símbolos estéticos, na tentativa de expor o que está nos bastidores do cotidiano.

Na verdade, a cultura da aparência precisa dos seres humanos – e das relações dos seres humanos com os objetos – para sobreviver. O que não pode ser visto pode ser dito. O que pode ser dito, entretanto, nem sempre é o que é, mas o que parece ser. João do Morro, por conseguinte, transmite de maneira clara, lúdica, o movimento da vida desses moradores.

Ao som das banalidades

Analisar as letras das músicas de João do Morro só mesmo pela cultura da aparência. O cantor, de modo debochado e escrachado, conta e canta toda forma de vida cotidiana dos moradores de sua comunidade. Em suas letras há uma questão lúdica para falar das banalidades, que, por sua vez, são fundamentais para a dinâmica das práticas sociais. Isso nos leva à seguinte reflexão: por que é mais fácil absorvermos o trivial, ou por que gostamos de ouvir fofocas? Na verdade, a humanidade reúne-se para mangar, para usar expressão nordestina tão nossa. Falar da vida alheia é mote para autores escreverem novelas, romances, peças teatrais, entre outras narrativas, que aparecem na televisão. Cantar o trivial é mesmo fabuloso! Dizer, ao som do banal, tudo o que ocorre no cotidiano dessas pessoas é muito interessante. João do Morro descreve em suas músicas, estilo, moda, encontros, uso do celular, visual, namoros, homossexualidade, entre outros, de um jeito debochado, mas com certa categoria.

Na música Frentinha, João do Morro fala sobre o que realmente a maioria do povo gosta de fazer: falar mal da vida dos outros, ou simplesmente falar da vida dos outros. A vida dos outros é o trunfo na cultura da aparência, pois remete sempre para o essencial do superficial. Não é o que realmente é, mas o que todos contam, e isso é maravilhoso para a compreensão das relações sociais.

“...a turma gosta de falar dos outros, a turma gosta de meter o pau, a pior coisa é a língua do povo, que abre a boca pra fazer o mal, coisa de gente que não tem cultura, se é gente eu também não sei, eu não tenho pre-

conceito, se você olhar direito, hoje em dia o mundo é gay, é boyzinho com boyzinho, e boyzinha com boyzinha, é todo mundo se beijando, se amando, se abraçando e fazendo frentinha..." (Música Frentinha e Compositor João do Morro).

Taduzir o cotidiano ao som das banalidades é revelar uma provocação para aqueles que aparentemente não estão acostumados com a espontaneidade dessas pessoas. O que está por trás é sempre atraente e revela mistérios; isso é ponto forte para explicar a criatividade de João do Morro em anunciar o seu repertório. Repertório recheado de questões ligadas à moral, às atitudes e condutas, que esnoba dos assuntos relacionados à sexualidade, homossexualidade, traição, uso do celular, modelos de cabelos, adereços, vestimentas, comportamento, prazeres, lazer, entre outros. Na verdade, João do Morro exala a difícil vida cotidiana dos moradores. Numa complexa definição, a vida cotidiana é constituída de fragmentos que complicaram o ordenamento de suas ambiguidades, pois a vida cotidiana é frívola, lúdica e imediata. Isso é o que dá sentido ao presente.

Para Mike Featherstone:

Tendo em mente a ambiguidade inerente a essa falta de consenso, podemos delinear as características mais frequentes associadas à vida cotidiana. Em primeiro lugar, há uma ênfase naquilo que acontece todo dia, na rotina, nas experiências repetitivas que já não são mais percebidas, nas crenças e nas práticas. É o universo mundano, ordinário, intocado por grandes acontecimentos e pelo extraordinário. Em segundo lugar, o cotidiano é encarado como esfera da reprodução e da manutenção, zona pré-institucional na qual as atividades básicas que sustentam outros mundos são executadas, em grande parte, pelas mulheres. Em terceiro lugar, há uma ênfase no presente, que proporciona um sentido não reflexivo de imersão na imediatez das experiências e atividades usuais. Em quarto lugar, há um enfoque no sentido não individual de se estar junto em atividades comuns, espontâneas, que se dão fora ou nos interstícios dos campos institucionais; há uma ênfase na sensualidade comum, em estar com os ou-

tros em uma sociabilidade frívola, lúdica. Em quinto lugar, enfatiza-se o conhecimento heterogêneo, o blabláblá desordenado de muitas línguas; a fala e ‘o mundo mágico das vozes’ são mais valorizados do que a linearidade da escrita (FEATHERSTONE, 1997, p. 83).

A vida cotidiana é dinâmica, plural, de realidades multifacetárias. Com isso, a forma de transgredir as banalidades e de provocação está exaltada nas músicas do polêmico João do Morro. Como na estrofe da música intitulada Três segundos:

“Não adianta comprar um celular, que bate foto, filma, baixa jogos na internet, com bluetooth, slim, 3G... Pra ligar 3 segundos?!, Já virou moda ter um celular, você encontra em qualquer lugar, seja um mendigo, carroceiro, papelheiro, maloqueiro, maconheiro, tem um celular, A moda agora é ter um celular, pra bater foto ou então filmar, mas no fim do mês, bota 10 ou 5 conto, e não gasta 1 centavo na hora de telefonar, 3 segundos... - Alô, amor, tás aonde?, - Tô saindo de casa pra ir pro pagode. Oh, não liga, pra mim pra falar 3 segundos, porque celular e mulher, é coisa pra quem pode...” (Música: Três segundos, de João do Morro).

A vida do chamado “homem sem qualidades” na vida moderna é heroicizada pela questão do processo e de como essas pessoas fazem uso dos objetos e definem comportamentos para facilitar os modos de sobrevivência. Há um estoque de conhecimentos em cada um de nós, e para

Alfred Schutz (1962) referiu-se ao mundo cotidiano, do senso comum, como uma ‘realidade predominante’, que se pode distinguir de uma série de ‘realidades múltiplas’ ou ‘províncias finitas de significado’. Existem os ‘mundos dos sonhos, fantasias, devaneios, jogo, ficção, teatro, bem como os mundos formalizados da ciência, da filosofia e da arte. Cada um deles exige uma ‘atitude natural’ diferente, o sentido do tempo e uma estrutura da relevância, e existem problemas para os indivíduos que não os observam (FEATHERSTONE, 1997, p. 83).

Portanto, há uma lógica de vida entre os moradores das culturas periféricas, que não faz parte de outras lógicas de vida, como, por exemplo, do sistema. Daí as letras das músicas de João do Morro estarem em outra ética, ou seja, na ‘ética comum’. Compreender as formas da vida do cotidiano nas culturas periféricas reluz na questão da ascensão do consumo, provocando o *kitsch*, o brega, daí o estético ser motivo de tanta atração. É na aparência que nos encontramos, que nos combinamos, então a esfera da cultura por meio do simbólico provoca o estético, o erótico, o gosto, o que não é permitido, mas que é feito, que é realizado. Nem tudo o que todo mundo faz é dito, por isso essa ascensão na vida cotidiana desses moradores. O que João do Morro faz é expor o que é feito e não é dito, mas que, na verdade, ao som das banalidades, ele transfere à aparente vida dos moradores. Na música de João do Morro, Chupa que é de uva:

Domingo passado eu tava na praia, de chinelo, bermuda, camiseta e boné. Pagando cerveja, bancando de tudo, metido a gostoso cheio de mulhé. Eu vi uma delícia saindo da água, caminhando em minha direção. Até as meninas que tavam comigo ficaram de queixo na mão. Ela pegou sua canga e o bronzeador e deitou bem pertinho de mim... (Música: Chupa que é de uva, de João do Morro).

Todo esse jogo para falar sobre os desejos da vida dos moradores vai chamar atenção em outro grupos e em outras dinâmicas de culturas, exatamente por João do Morro expor de maneira lúdica a cultura da aparência da vida cotidiana em suas músicas. A história dos vencidos está na boca do povo, e as histórias dos vencedores estão nos livros.

“Tem pouco homem pra muita mulher, eu vou dizer vocês vão botar fé, seja no Brasil, Japão, terra do sol, são dez mulheres pra um homem só, mas as brasileiras são bem mais gostosas, bronzeadas e curvas de se admirar, bunda que é preferência nacional, fui no pagode no espaço aberto, tinha cada bicha boa do carai, que bicha boa, bicha boa do carai, que nega boa, boa do carai” (Música: Nega boa do carai, de João do Morro).

Discussão metodológica

Esta parte de discussão metodológica refere-se aos estudos de João Carlos Tedesco, Henry Lefebvre, Golffman, José Machado Pais, Hannan Arendt, Michel Maffesoli, entre outros, que facilitaram a nossa compreensão sobre as questões da cultura da aparência revelada no cotidiano das pessoas de áreas periféricas. Numa visão de pluralidade, analisaremos a passarela do cotidiano dessas pessoas, bem como suas vivências estampadas no pensamento, que estão nas letras das músicas de João do Morro. Então, a primazia da aparência é fato da vida cotidiana, porque Ser e Aparecer coincidem “precisamente porque são sujeitos e objetos – percebendo e sendo percebidos – ao mesmo tempo” (ARENDDT, 2008, p. 40). Ainda assim, “não existe tolice que não possa servir de argumento para sabedoria sem fundamentos” (ARENDDT, 2008, p. 24).

Mesmo com essa dimensão, como está na canção de Caetano Veloso: “Tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso”. O cotidiano é perigoso porque a todo instante podem ser acesos uma trama, um conflito, e isso o faz ser divino e maravilhoso, por pertencer a um emaranhado de agregações. O dinheiro impulsiona os acontecimentos do cotidiano, ao lado da cultura. Talvez seja a explicação para compreender o cotidiano da periferia. Todo mundo bem juntinho, isso é mote para analisar novas formas de vida, como também a ordem do discurso nesse lugar. É o espaço na periferia unido à nova forma de sobrevivência por meio da mídia. Mesmo sendo lugar claudicante, a periferia epifaniza a forma de analisar o cotidiano. Argumenta Edgar Allan Poe: “Não há beleza rara sem algo de estranho nas proporções”. Assim, o cotidiano no mundo moderno se dá a partir da filosofia “para mostrar sua dualidade, sua decadência e fecundidade, sua miséria e riqueza” (LEFEBVRE, 1991, p. 18). Na teatralidade da correria do cotidiano, o furor da vida acontece pelo drama e pela paixão. O cotidiano oferece um espetáculo de variedades (MAFFESOLI, 2001, p. 177). Encontramos na teatralidade da vida cotidiana explicação para as turbulências, conflitos e insatisfações diante das relações sociais. Os conflitos de *status* e papéis sociais que

a sociedade contemporânea oferece revelam o significado atribuído à teoria do cotidiano.

Nessa perspectiva, a partir da fenomenologia buscamos analisar as letras das músicas de João do Morro, para compreender o cotidiano das culturas periféricas. Estudamos as músicas Balaiagem, Papa frango, As nega endoia, três segundos, Frentinha, Gigolô, Chupa que é de uva, Nega boa do arai, Na mamata, Me ter, João do Morro, Sinal de puta, Sarrá, João do Morro a mais de mil, entre outras. Além das reportagens via internet sobre o polêmico João do Morro. Na tentativa de encontrar exemplos sobre a cultura da aparência, João do Morro aparece para explicar o cotidiano e seus significados, exposto pela autoexposição, com ajuda da mídia.

Dessa maneira, diz Maffesoli: “A aparência, o simulacro, a duplicidade, cuja importância na estruturação social é sabida, encontram na teatralização sua expressão mais perfeita” (MAFFESOLI, 2001, p. 177).

A esse respeito nos deparamos em compreender a ciência, ou seja, um caminho para compreendermos a verdade ou ainda o real cotidiano que não pelo significado, mas do mundo através do “sentido comum”. Desde a linguagem a interpretações de símbolos, encontramos, a partir da etnometodologia, corrente proposta e encabeçada por Harold Garfinkel. A etnometodologia se constitui para descrever, construir e interpretar o mundo social a partir de métodos utilizados pelas pessoas. Com a preocupação de privilegiar as abordagens microsociais dos fenômenos. As interpretações passam a compor o instrumento de pesquisa na sociologia do cotidiano. Nas palavras de Pais: “Mas para que tal aconteça há que situar o cotidiano no ‘histórico-original-significativo’, e não apenas no ‘banal-insignificante’. O senso comum pode perfeitamente auscultar o rumor do oceano cotidiano, como quem cola um búzio à orelha – mas trata-se sempre de um som ou de um conhecimento cujas estruturas organizativas lhe escapam. Claude Javeu tem razão: seria ilegítimo isolar a ‘vida cotidiana’ por outras razões que não metodológicas. O cotidiano não pode ser tornado categoria essencialmente distinta do ‘social’. No cotidiano, experimentam-se tensões, conflitos, posições ideológicas,

mudanças, crises, que a sociologia geral e as diversas sociologias parciais tornam ordinariamente como seus objetos (PAIS, 2003, p. 203).

Encontrar razões metodológicas para discutir a cultura da aparência nas músicas de João do Morro é fundamental para compreender o presente. O presente passa pela frivolidade, pelo lúdico e pela aparência, o presente é efêmero. Pode-se questionar o motivo para argumentarmos a partir do perceber e ser percebido que as culturas periféricas inauguram em seu ritual, experiências, crenças, imediatismo e comunicação boca a boca, a autoexposição da cultura da aparência.

Argumentos finais

Perceber e ser percebido são as formas que João do Morro encontrou para revelar as banalidades do cotidiano das periferias. A cultura da aparência expõe e ao mesmo tempo protege da exposição exatamente porque se trata do que está por trás. Assim, o fator mídia ajuda com o impulso da autoexposição; desse modo, o Ser só pode ser manifestado pela aparência, e por sua vez a aparência é fraca, pois não consegue Ser e precisa do cotidiano para dar efervescência aos modos de sobrevivência dessas pessoas. Na “nebulosa afetual” da vida cotidiana, o mundo mágico das vozes é mais valorizado do que todas as dimensões da escrita. A afetividade e a linguagem geram efervescências no cotidiano. A cultura da aparência surge como proteção para evidenciar as histórias dos vencidos. De imediato, pela mágica da relação face a face, o estilo e a estética se unem para sobrepor o presente, e trazer o efêmero no semblante daqueles que transformam o suor do dia a dia em meras aparências.

Assim, João do Morro expõe, em suas músicas, o manifesto do cotidiano das culturas periféricas em um mundo de aparências. “A linguagem é a morada do ser”; portanto, a difícil tarefa de lidar com o mundo perceptível requer que o agente e o narrador estejam simultaneamente envolvidos. Na cultura da aparência, perceber e ser percebido são modos de proteção nas vivências dessas pessoas. Portanto, há dias em que

estamos participando da história e há dias em que já estamos contando a história.

João do Morro consegue simultaneamente, em suas músicas, perceber e ser percebido Talvez seja o que há de mais significativo em seu trabalho. Além de traduzir o cotidiano por metáforas, João do Morro não se intimida em tornar visível o aparente mundo de sua vida.

Referências

- ARENDDT, H. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CORCUFF, P. *As novas sociologias: construções da realidade social*. Bauru: EDUSC, 2001.
- FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel, SESC (Coleção Megalópolis), 1997.
- NOSENCO, N. *Extinção dos tecnossauros, histórias de tecnologias que não emplacaram*. Campinas: UNICAMP, 2008.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *A conquista do presente*. Natal: Argos, 2001.
- PAIS, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PEREIRA, W. A comunicação e a cultura no cotidiano. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 32, abril de 2007.
- RUSSEL WOOD, A.J.R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh/ Humanitas Publicações, v. 18, n. 36, 1998.
- TEDESCO, J. C. *Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social*. 2º ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, Passo Fundo: UPF, 2003.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

